



# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 109 • 30 DE JANEIRO DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

#### NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

#### CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE em português e inglês poderão ser encontrados na home page da EGN:

<[https://www.marinha.mil.br/egn/boletim\\_geocorrente](https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente)>



## DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CONTRA-ALMIRANTE EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

## SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

## CONSELHO EDITORIAL

### EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

## PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

### ÁFRICA SUBSAARIANA

DAVID SEVERO PEREIRA FRANÇA PINTO (UERJ)

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

### AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)

BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)

GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)

JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

### AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)

CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAS FILHO (EGN)

### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

### EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

### LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINICIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

### SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

### TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

# ÍNDICE

## AMÉRICA DO SUL

O início da extração de petróleo na Guiana e a importante descoberta no Suriname ..... 4

## AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Marco na construção dos navios de apoio canadenses..... 4

## ÁFRICA SUBSAARIANA

Capturando o Nilo: Etiópia e Estados à jusante mais próximos de um acordo? ..... 5  
Relação Reino Unido-África após o Brexit ..... 5

## EUROPA

Em Davos, Europa é o novo alvo econômico de Donald Trump ..... 6  
Acordo marítimo entre Líbia e Turquia eleva tensões no Mediterrâneo ..... 7

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

A escalada de tensões entre EUA e Irã ..... 7  
Modernização militar e força naval impulsionam presença regional do Egito... 8

## RÚSSIA & Ex-URSS

As reformas constitucionais da Federação Russa ..... 9

## LESTE ASIÁTICO

Um início de 2020 conturbado para a China ..... 9  
Marinha da Coreia do Sul ampliará operações no Estreito de Ormuz ..... 10

## SUL DA ÁSIA

Marinha indiana testa com êxito versão naval de avião de combate ..... 10

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Austrália na liderança da produção energética mundial..... 11

## ÁRTICO & ANTÁRTICA

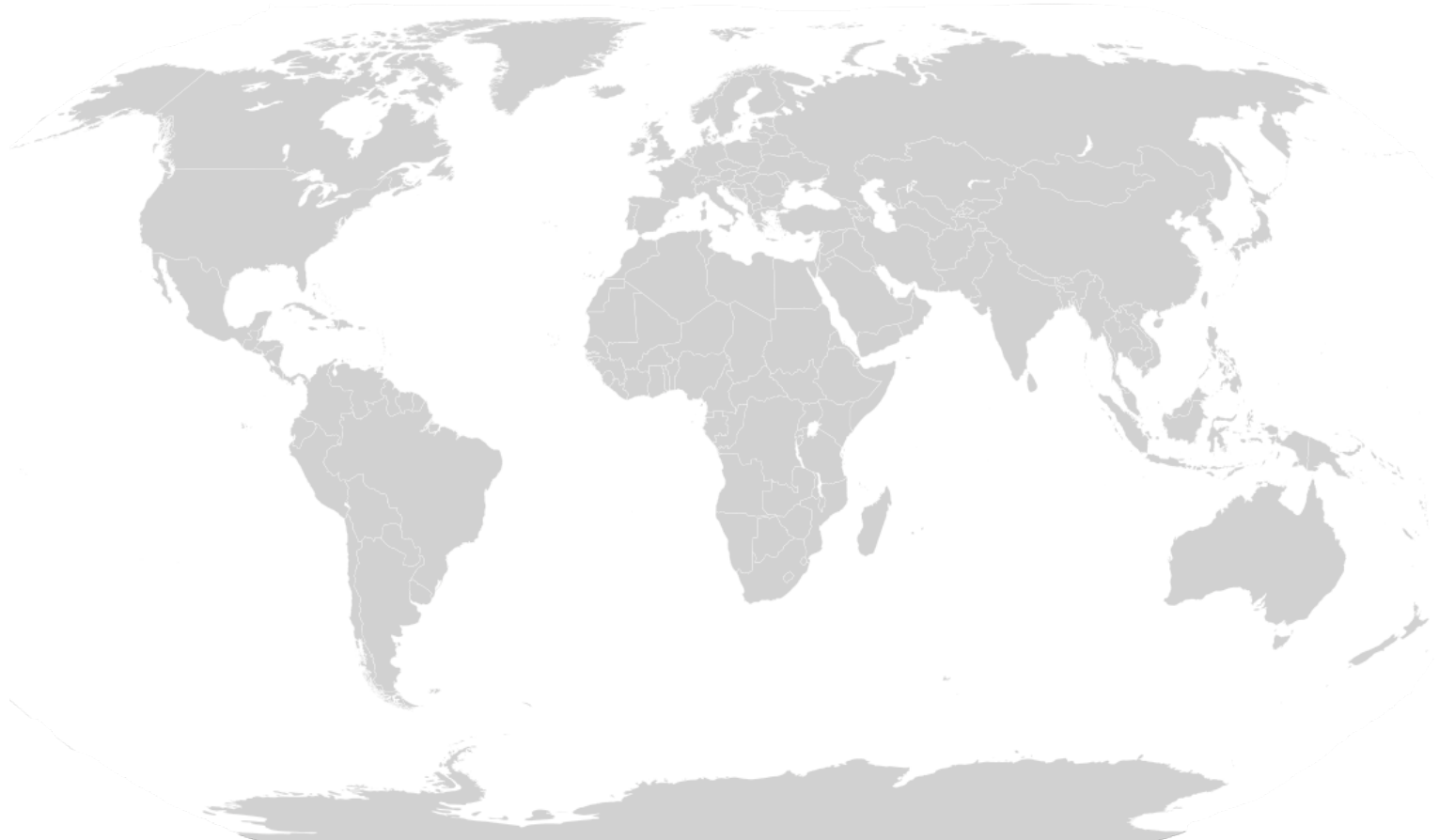
Territorialismo chileno na Antártica e o relacionamento com o Brasil ..... 12

Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 13

Calendário Geocorrente..... 13

Referências..... 14

## REGIÕES ABORDADAS NESTA EDIÇÃO



Clique no círculo para ser redirecionado ao texto relacionado

## O início da extração de petróleo na Guiana e a importante descoberta no Suriname

João Felipe Ferraz

No dia 20 de janeiro de 2020, a Guiana enviou seu primeiro lote de petróleo bruto para refinarias dos Estados Unidos da América (EUA), correspondendo a cerca de 1 milhão de barris. Empresas petrolíferas, como a estadunidense *Exxon Mobil* e a britânica *Tullow Oil*, realizam prospecções e consequentes descobertas na costa da Guiana desde 2015, totalizando uma reserva de mais de 8 bilhões de barris de petróleo e gás ([Boletim 84](#)). Sendo assim, a produção foi iniciada oficialmente no ano de 2020, correspondendo a uma extração diária inicial de 120 mil barris, havendo projeções potenciais de 750 mil barris por dia até 2025. O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê um crescimento de 85,6% do PIB do país sul-americano, o menor da América do Sul (dados de 2018), onde habitam cerca de 785 mil pessoas.

Em paralelo a esse importante marco da economia guianesa, as petrolíferas *Apache Corp* e *Total* anunciaram a descoberta de um importante campo de petróleo e gás na costa do país fronteiro à Guiana, o Suriname — país detentor do segundo menor PIB da América do Sul. Por efeito comparativo, é relevante notar as distintas situações políticas de ambos os países, que se apresentam como

fatores de influência direta em uma projeção econômica na exportação de combustíveis fósseis. Na Guiana, o mandato presidencial de David Granger chega ao fim em março deste ano, podendo significar uma alternância no poder e uma consequente revisão dos contratos assinados com as empresas exploradoras. O Suriname, por sua vez, vivencia um quadro político ainda mais instável, suscetível a decisões equivocadas que podem impactar diretamente o setor petrolífero. Desde 2010, o presidente do país sul-americano é Desi Bouterse, um líder político e militar acusado de graves violações dos Direitos Humanos e diversos casos de corrupção. É importante ainda destacar a sua participação na liderança militar de um governo totalitário ocorrido na década de 1980.

As citadas condições particulares dos dois países sul-americanos tornam incertas as previsões de especialistas econômicos que veem com cautela uma grande injeção financeira em curto espaço de tempo. No entanto, a inserção da Guiana e do Suriname no mercado petrolífero é uma grande oportunidade de crescimento para duas economias historicamente dependentes apenas da extração de minérios e da agricultura.

## AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

### Marco na construção dos navios de apoio canadenses

Jéssica Barreto

Em 16 de janeiro de 2020, ocorreu em Vancouver a cerimônia de *Keel Laying* no estaleiro de *Seaspan*. O evento, que consiste no alojamento de uma moeda representativa do projeto próximo a quilha da embarcação, simbolizando boa sorte, é um marco na construção do navio de apoio conjunto (JSS, sigla em inglês) *HMCS Protecteur*.

O projeto faz parte da Estratégia de Construção Naval (NSS, na sigla em inglês) canadense ([Boletim 88](#)), que prevê a construção de dois navios desse tipo. Estas embarcações substituirão os dois navios de apoio, construídos entre os anos 1960 e 1970, que foram desativados em 2014, por conta do tempo de operação, e em 2015, após grandes danos em um incêndio durante uma viagem da embarcação. Desde então, a *Royal Canadian Navy* (RCN, na sigla em inglês) tem usado um navio-tanque convertido para essa função logística.

O esforço de substituição desses navios auxiliares vem desde os anos 1990, com pouco sucesso. No início dos anos 2000, o governo liberal de Paul Martin lançou um projeto de aquisição desse tipo de embarcação, que foi aprovado em 2004, entrando em sua fase de definição.

Entretanto, o governo foi substituído pelo conservador Stephen Harper em 2006, que determinou o congelamento e a revisão de todos os processos de aquisição iniciados na gestão anterior.

O projeto do JSS foi novamente aprovado, com modificações. Em 2008, a solicitação de propostas do projeto foi cancelada por estar muito acima da capacidade estatal de financiamento. Assim, o então ministro de Defesa pediu nova revisão desse projeto para um terceiro agente, formado por representantes dos departamentos envolvidos no sistema de aquisições de defesa do país. Desse modo, a recomendação que surgiu a partir dessa revisão foi a necessidade de uma total reestruturação da RCN e do setor de construção naval, dando origem à NSS, em 2010.

Com a construção iniciada em junho de 2018, o navio será o quarto entregue pelo estaleiro *Seaspan*, após os três *offshore fisheries science*, e será a maior embarcação já construída pela indústria canadense em termos de comprimento, com 173,7 metros. A previsão de entrega da embarcação é 2023.

**Capturando o Nilo: Etiópia e Estados à jusante mais próximos de um acordo?**

*Franco Alencastro*

Representantes do Estado etíope anunciaram, no dia 24 de janeiro de 2020, o início de uma rodada de negociações entre Etiópia, Egito e Sudão sobre a gestão das águas do Rio Nilo. O anúncio se segue a um encontro entre os chanceleres do Sudão e da Etiópia, no dia 22. O ponto central da negociação será a intenção da Etiópia de construir a Grande Represa do Renascimento Etíope (GRRE), no Nilo. A GRRE está projetada para ser uma das maiores represas do mundo quando finalizada: estima-se que será a oitava maior em capacidade instalada, com 6,45 Gigawatts.

A GRRE representa um contencioso substancial entre os países da região, uma vez que o Nilo é uma importante fonte de água potável para o Sudão e o Egito. Autoridades desses países afirmam que a GRRE prejudicará sua vazante. O Egito, particularmente, depende muito do Nilo para a irrigação de sua agricultura, que ocorre exclusivamente às margens do rio, ocupando apenas 3% do território. E, embora a produção agrícola do país tenha crescido mais de 20% nas últimas duas décadas, o crescimento populacional foi ainda maior, pressionando ainda mais o setor. Notavelmente, a alta nos preços dos alimentos representou uma das causas do descontentamento popular, o que ocasionou a derrubada do regime de Hosni Mubarak, em 2011.

A construção da GRRE, anunciada em 2011, ainda não se iniciou, como consequência desse contencioso. Para a Etiópia, a construção da represa representa a superação de um desafio considerável: gerar energia suficiente para um país cujo PIB cresce a uma taxa anual superior a 10%, há mais de uma década. A GRRE permite, ainda, contornar a dependência externa em fontes de energia como o petróleo, fator importante em

uma economia historicamente penalizada pela escassez de divisas. A construção da represa, porém, não pode vir ao custo de mais problemas externos para um país que nos últimos anos tem superado contenciosos históricos, como o conflito com a vizinha Eritreia. A negociação, dessa forma, é um passo necessário.



**Relação Reino Unido-África após o Brexit**

*João Victor Marques Cardoso*

No dia 20 de janeiro de 2020, sediou-se em Londres a Cúpula de Investimentos Reino Unido-África, na qual se reuniram delegações de apenas 21 países africanos. Organizada pelo governo britânico, a Cúpula anunciou £ 1,5 bilhão em iniciativas públicas, como projetos de infraestrutura estimados em £ 350 milhões, além de negócios privados equivalentes a £ 6,5 bilhões. Antecedendo onze dias da retirada do Reino Unido da União Europeia (UE), o evento representou um aceno político-econômico à África, cuja relevância não deve ser estrategicamente descartada.

Do lado britânico, a necessidade de se renovar laços históricos com a África foi percebida ainda durante o governo de Theresa May, que realizou uma visita

oficial à África do Sul, Nigéria e Quênia em agosto de 2018. Naquele ano, a então ministra para África, Harriett Baldwin, ressaltou a relevância do comércio para criar empregos e investimentos, a fim de se reduzir a dependência africana por ajuda externa. O termo *Global Britain* era muito utilizado para que o país não se esquivasse de responsabilidades globais, ainda que o Brexit se concretizasse. Por outro lado, sob a atual administração de Boris Johnson, a prioridade dada às questões domésticas parecia enfraquecer a aproximação com o continente africano. A retirada da UE, entretanto, requer a negociação comercial com o resto do mundo, sendo a Cúpula Reino Unido-África uma evidência disso.

Do lado africano, há a oportunidade de negociações >>>

mais favoráveis, devido à pressão enfrentada por Londres em minimizar o impacto negativo do Brexit, estipulando-se o reduzido acesso ao mercado da UE. Até o momento, onze países africanos assinaram “acordos de continuidade” com o Reino Unido, que visam substituir aqueles existentes via UE. Ainda é muito pouco se comparado à dimensão do continente, que recebe menos de 4% dos investimentos estrangeiros diretos e ocupa apenas 2,5% do comércio britânico com o mundo. Haja vista a necessidade de se criar vinte milhões de empregos anualmente para acompanhar seu crescimento

demográfico e o fato de que, até 2050, um quarto dos consumidores globais será africano, os desequilíbrios podem se perpetuar.

Caso o Reino Unido privilegie blindar sua influência ao invés de direcioná-la à construção de capacidades e à redução de assimetrias, o apoio ao desenvolvimento seria ilusório. Somado às incertezas do Brexit, economias como a África do Sul e a Nigéria, principais parceiros comerciais africanos, seriam impactadas, transbordando-se para suas respectivas regiões.

## EUROPA

### Em Davos, Europa é o novo alvo econômico de Donald Trump

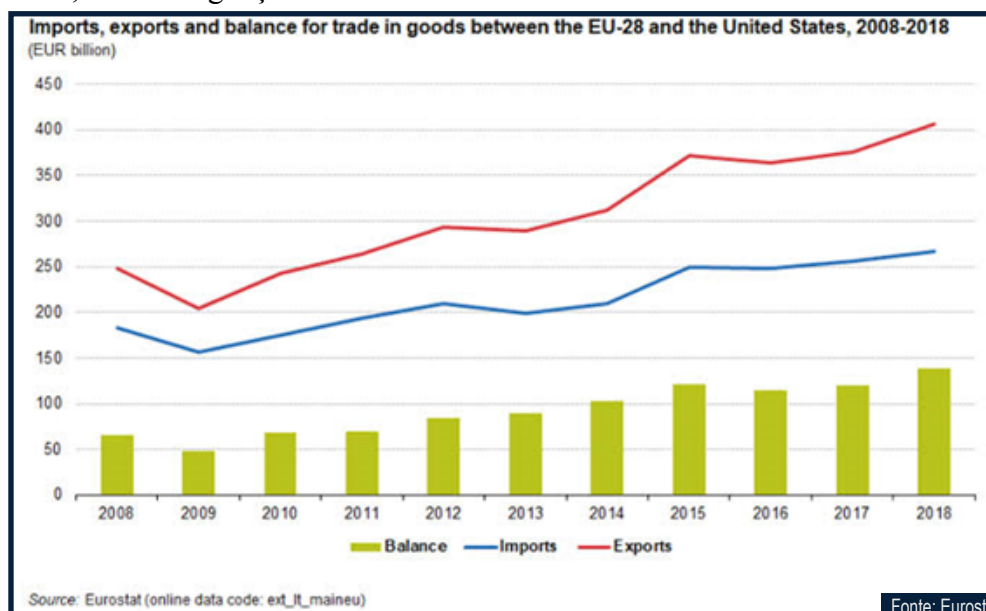
Nathália do Vale

Terminou na sexta-feira, 24 de janeiro, o Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça. Reunindo autoridades financeiras de todo o mundo, o evento teve como temática o aquecimento global e seus impactos na economia mundial. Ao longo das discussões, ficou claro que, após a guerra comercial entre China e Estados Unidos ter marcado a pauta econômica de 2019, este ano haverá algo similar entre Europa e Estados Unidos. Enquanto Trump afirmou que um acordo comercial entre os dois é inevitável, europeus como Bruno Le Maire, ministro das Finanças francês, disse que a União Europeia (UE) retaliará caso haja um aumento das tarifas sobre seus produtos. “A Europa mudou nos últimos dois anos, não é mais ingênua como antes. A Europa está se tornando mais independente e mais ciente de seus interesses estratégicos”, disse Le Maire.

A região é a principal parceira comercial dos Estados Unidos, seguida por China, México, Canadá e Japão, países com os quais os americanos fecharam acordos comerciais no último ano. Além disso, o superávit comercial de US\$ 162,6 bilhões com os Estados Unidos e o ano eleitoral americano são dois trunfos de negociação para a UE. Entretanto, sua estagnação econômica e

a pressão do *lobby* agrícola são fatores sensíveis aos europeus em um possível acordo, além de visões opostas aos americanos sobre a importância das questões climáticas na economia mundial.

A França pode ser um bom caso para ilustrar como essa “queda de braço” poderá funcionar. Em 1º de janeiro de 2019, o país anunciou uma taxa de até 3% sobre os lucros das gigantes da informática GAFA (*Google, Amazon, Facebook e Apple*) no país, motivada por práticas de evasão fiscal. Após Trump anunciar, em dezembro passado, um aumento de até 100% na importação de produtos franceses agrícolas e manufaturados, os dois países anunciaram a suspensão das tarifas e o início de conversas sobre um acordo temático na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Além disso, cabe lembrar que o Brexit continuará sendo pauta na UE neste ano. Com a saída do Reino Unido em 31 de janeiro e a urgente negociação de acordos extensivos em diversas áreas com o país, fica a dúvida se a Europa conseguirá ser realmente forte o suficiente para lidar com dois dos seus principais parceiros de maneira independente.



## Acordo marítimo entre Líbia e Turquia eleva tensões no Mediterrâneo

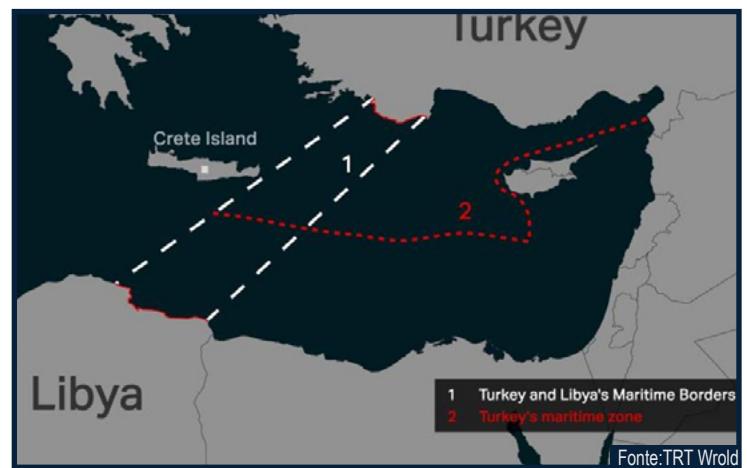
Melissa Rossi

No dia 20 de janeiro de 2020, o ministro das Relações Exteriores da Grécia, Nikos Dendias expressou preocupação pela União Europeia (UE) não ter condenado o acordo marítimo entre o Governo de Acordo Nacional (GNA, sigla em inglês) da Líbia e a República da Turquia durante a Conferência de Berlim, no dia anterior. Assinado em novembro de 2019 pelo líder líbio Fayez Al-Sarraj e o presidente turco, Tayyip Erdogan, o acordo prevê a demarcação das fronteiras marítimas dos dois países, sem considerar que parte da área em questão pertence à Zona Econômica Exclusiva (ZEE) da Grécia, ao largo da costa da Ilha de Creta.

Ancara tem adotado uma política externa agressiva em relação a seus vizinhos no Mediterrâneo, em razão de seu crescente isolamento político e econômico, sobretudo depois da descoberta de enormes reservas de gás e petróleo no leste do Mediterrâneo, aos quais a Turquia não tem acesso. Em maio e julho de 2019, Ancara enviou os navios de perfuração da companhia estatal *Turkish Petroleum*, o *Fatih* e o *Yavuz*, para atuar dentro da ZEE do Chipre. Como resposta, a UE impôs sanções econômicas contra a Turquia, enquanto o Chipre denunciou o país à Corte Internacional de Justiça (ICJ, sigla em inglês). Todavia, nenhuma das ações conseguiu alterar o comportamento de Ancara, que alega que as áreas marítimas em questão fazem parte de sua plataforma continental.

Quanto à relevância geopolítica do acordo marítimo

entre Líbia e Turquia, Ancara novamente age de forma beligerante, mas desta vez contra a Grécia. Ancara claramente está ciente da violação da ZEE grega, mas escolhe apostar no jogo perigoso do *realpolitik* para pressionar seus vizinhos europeus. Não é certo que o acordo sobreviva ao conflito líbio, pois o país se encontra dividido entre dois governos: um localizado em Trípoli, liderado por Al-Sarraj e apoiado pela Turquia e a Organização das Nações Unidas (ONU), e o do General Khalifa Haftar, em Tobruk, apoiado pela Rússia, Emirados Árabes e Egito. Se o governo de Al-Sarraj prevalecer no final, o acordo marítimo permanecerá válido e é muito provável que presenciaremos a mesma política externa beligerante, com o envio de navios de perfuração turcos à ZEE grega.



## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### A escalada de tensões entre EUA e Irã

Ana Luiza Colares

No dia 03 de janeiro de 2020, os Estados Unidos lançaram uma ofensiva nas proximidades do Aeroporto Internacional de Bagdá. O ataque aéreo por drones resultou na morte do general iraniano Qassem Soleimani, chefe das Forças Especiais do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica. O ocorrido gerou preocupação internacional e levou milhares de iranianos às ruas para cobrar respostas do governo.

No dia 08 de janeiro, o Irã realizou ataques retaliatórios utilizando mísseis balísticos de médio alcance, atingindo duas bases iraquianas onde militares dos EUA estavam baseados, causando danos estruturais. Poucas horas depois, um avião da *Ukraine Airlines*, com destino a Kiev, foi derrubado, logo após decolar de Teerã, causando a morte de 176 civis, em sua maioria, iranianos. No dia seguinte ao ataque, o presidente Donald Trump realizou um pronunciamento desescalando as ofensivas militares, afirmando que as sanções econômicas

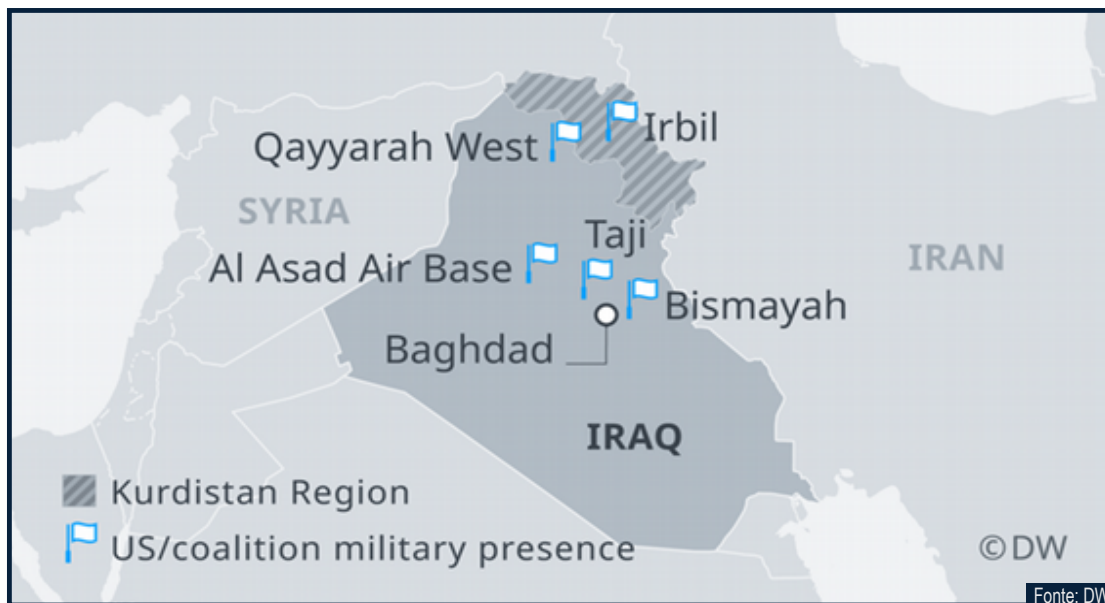
continuariam e convocando os iranianos a firmarem um novo acordo sobre seu programa nuclear. No dia 11, o governo iraniano reconheceu ter sido sua força de defesa aérea a responsável pela queda da aeronave ucraniana, a tendo confundido com um possível ataque aéreo americano. O luto da população pela morte de Soleimani foi substituído pelo ressentimento público com suas autoridades, com manifestações por mudanças, fortemente reprimidas em Teerã, nos dias 12 e 13.

Os recentes acontecimentos não são isolados. Desde a saída dos EUA do Acordo Nuclear em 2018, e a volta das sanções econômicas sobre o Irã lideradas pela administração Trump, é observada uma escalada de tensões entre os países, em especial no Golfo Pérsico e no Estreito de Ormuz.

Cabe ressaltar a atuação internacional da Guarda Revolucionária, principalmente no chamado “eixo da resistência”, em países como a Síria, no apoio a Bashar >>

Al-Assad; no Iêmen, em apoio ao grupo *Houthi*; e em regiões de atuação do grupo libanês Hezbollah, todos muçulmanos xiitas. Desta forma, Irã e Estados Unidos se veem constantemente em posições opostas nos conflitos do Oriente Médio, uma vez que Israel e Arábia Saudita, apoiados pelos norte-americanos, participam ativamente contra os grupos supracitados. Cita-se, também, a vantagem estadunidense de estar presente militarmente no Golfo Pérsico e arredores, por meio, por exemplo, do *Sentinel Program* ([Boletim 104](#)), conseguindo monitorar as ações iranianas e dos grupos que se encontram em sua esfera de influência.

Desta forma, as relações instáveis entre os países transpassam diversas particularidades, alianças e envolvem *players* regionais e mundiais, estes últimos exemplificados pelo posicionamento crítico de Rússia e China ao ataque americano do dia 03, além da tentativa de países europeus como Alemanha e França por uma negociação em favor da manutenção do Acordo Nuclear de 2015. Embora a tensão entre EUA e Irã tenha diminuído nas últimas semanas, é difícil prever o que está por vir, em especial a postura dos grupos radicais xiitas que apoiam Teerã.



## Modernização militar e força naval impulsionam presença regional do Egito

Pedro Albit

Omês de janeiro de 2020 marca um esforço de maior presença marítima do Egito no Mar Vermelho e no Mar Mediterrâneo. Após o parlamento turco aprovar o envio de tropas à Líbia para apoiar o governo no dia 02 de janeiro, o Egito, que dá apoio ao General líbio Khalifa Haftar, realizou exercícios navais em larga escala no Mediterrâneo, dois dias depois, em 04 de janeiro.

No exercício, foram usados o navio de assalto anfíbio classe *Mistral* e corvetas classe *Gowind*, ambos de fabricação francesa, assim como fragatas classe *Oliver Hazard Perry*, de fabricação norte-americana, e um submarino convencional *Type 209*, de origem alemã. O exercício pode ser considerado uma mostra de força e comprometimento do Egito com seu aliado líbio, visto que, logo após o anúncio do envio de tropas da Turquia, o Ministério das Relações Exteriores do Egito emitiu nota rejeitando a iniciativa turca por violar acordos internacionais. Outra forma de afirmar sua presença no Mediterrâneo deu-se no dia 20 de janeiro, quando o ministro do Petróleo, Tarek el-Molla, anunciou a assinatura de nove acordos no valor de US\$ 452 milhões

para exploração de petróleo e gás no Mediterrâneo e na região oeste do deserto. Quatro desses acordos são em parceria com a *Shell* e outro reajusta o preço do gás nas áreas de exploração no Mediterrâneo concedidas à *Shell* e a *British Petroleum*.

No dia 15 de janeiro, foi inaugurada a base militar Berenice, tornando-se a maior do Mar Vermelho, ao comportar bases aérea e naval, um hospital militar e campos de treinamento. A base foi inaugurada um dia após o fim de novos exercícios militares, o *Qader 2020*, envolvendo os três braços das Forças Armadas egípcias em manobras de proteção da Península do Sinai e do Canal de Suez. Com o objetivo de proteger a navegação na entrada do Mar Vermelho, que culmina no Canal, a base também atende ao imperativo estratégico de dar suporte aos países rivais do Irã no Golfo e a aliados ocidentais, contendo a atuação iraniana na região. Por este motivo, a base pode vir, no futuro, a servir também de apoio logístico à Força Aérea dos Estados Unidos, que não possui base própria no Egito.

## As reformas constitucionais da Federação Russa

Pedro Martins

No dia 15 de janeiro, o presidente Vladimir Putin fez seu “Discurso do Estado da nação”. Nele, o mandatário russo anunciou um conjunto de emendas constitucionais para “transformar a Rússia em um Estado de Bem-Estar Social que abarque o *rule of law*, e aumentar a eficiência das instituições nacionais, sem mudar o básico da Constituição”. Após esse discurso, o primeiro-ministro russo, Dmitri Medvedev, renunciou ao seu cargo e, seguindo a legislação russa, todos os demais membros do seu gabinete também. Em seu lugar, Mikhail Mishustin, antigo chefe da Receita Federal russa, foi aprovado por ampla maioria pelo parlamento russo, com 383 votos a favor e 41 abstenções do Partido Comunista, enquanto Medvedev se tornou vice-chefe do Conselho de Segurança Nacional. O novo gabinete apontado por Mishustin teve grandes mudanças entre seus membros, mas manteve Serguei Lavrov e Serguei Shoigu nas pastas de Relações Exteriores e Defesa, respectivamente.

Assim como vários dos países da ex-União Soviética, a Federação Russa é uma república semi-presidencialista. Isso significa que existe uma divisão de poderes entre o presidente, responsável pelas Relações Exteriores e Defesa, e o primeiro-ministro, responsável por assuntos internos. No caso específico russo, o primeiro-ministro é

nomeado pelo presidente e posteriormente aprovado pelo parlamento. Na atual legislação russa, um presidente não pode ter mais de dois mandatos consecutivos. Com as propostas de emendas constitucionais, que serão debatidas no dia 1º de maio no parlamento, os mandatos presidenciais serão limitados a dois, independentemente de serem alternados, aumentarão os critérios para candidatos presidenciais, a Constituição russa será priorizada em relação a tratados internacionais, e aumentarão os poderes do parlamento para indicar e aprovar o primeiro-ministro e os membros do gabinete ministerial.

Nesse sentido, as reformas constitucionais propostas pelo presidente Putin podem ser interpretadas como um mecanismo pelo qual ele poderá influenciar os futuros sucessores do seu mandato, dado que este acaba em 2024. Pelo atual texto constitucional, ele não poderia se candidatar a um 3º mandato consecutivo. Segundo Tatiana Stanovaya, do *think tank Carnegie Russia Endowment for Peace*, as mudanças refletem mais uma “política de seguro” contra eventuais abusos de poder, indicando que Putin esteja trabalhando em um possível sucessor na presidência da Federação Russa.

## LESTE ASIÁTICO

### Um início de 2020 conturbado para a China

Philippe Alexandre

Em 11 de janeiro de 2020, ocorreram eleições nacionais em Taiwan, que resultaram na permanência da presidente pró-independência, Tsai Ing-wen, e seu Partido Progressista Democrático (DPP, sigla em inglês) no poder. Tsai obteve 57,1% dos votos, derrotando o seu maior rival pró-Pequim, Han Kuo-yu, do Partido Nacionalista (*Kuomintang*), com 38,6% dos votos. O DPP também conseguiu maioria dos assentos na legislatura da ilha.

Este resultado é considerado uma grande reviravolta no cenário político taiwanês, pois várias pesquisas de opinião, em 2018 e 2019, indicavam uma vantagem de 30 pontos percentuais de Han sobre Tsai. Contudo, os últimos acontecimentos em Hong Kong favoreceram Tsai, quando ela apoiou aos manifestantes. Isso permitiu que Tsai transformasse a eleição em Taiwan em um referendo sobre as relações com a China, o que indicou uma rejeição da população local da ilha ao sistema “um país, dois sistemas” defendido por Pequim, sistema vigente em Hong Kong. Um estudo anual da Universidade Nacional Chengchi de Taipei mostra que apenas 10% dos taiwaneses apoiam a unificação.

É preciso aguardar como Pequim se comportará neste segundo mandato da Tsai. Possíveis reações do

continente podem incluir uma diminuição do fluxo de investimentos para Taiwan e a ampliação do isolamento diplomático de Taipei no cenário internacional. Os parceiros diplomáticos da ilha diminuíram para 15 países, depois que Pequim persuadiu sete Estados a cortarem laços com Taipei após a eleição de Tsai em 2016. Intimidações militares são outro instrumento que pode ser usado, o que pode exacerbar tensões regionais e a rivalidade estratégica entre Pequim e Washington. Os EUA são obrigados por suas próprias leis a garantir que Taiwan seja capaz de se defender.

Por fim, é válido analisar a vitória de Tsai num espectro mais amplo. Enquanto em âmbito internacional Pequim tem conseguido conduzir e atingir os seus interesses, com a assinatura da primeira fase do acordo comercial com Washington, mantendo o crescimento econômico previsto domesticamente, o cenário é mais desafiador: sete meses de manifestações em Hong Kong e o início do surto do coronavírus em pleno período de festividades. Diante disso, Pequim deve preocupar-se mais com o seu cenário doméstico em 2020. A história de dissolução do bloco comunista nos anos 1990, por razões internas, ainda se encontra na mente das autoridades chinesas.

## Marinha da Coreia do Sul ampliará operações no Estreito de Ormuz

Marcelle Torres

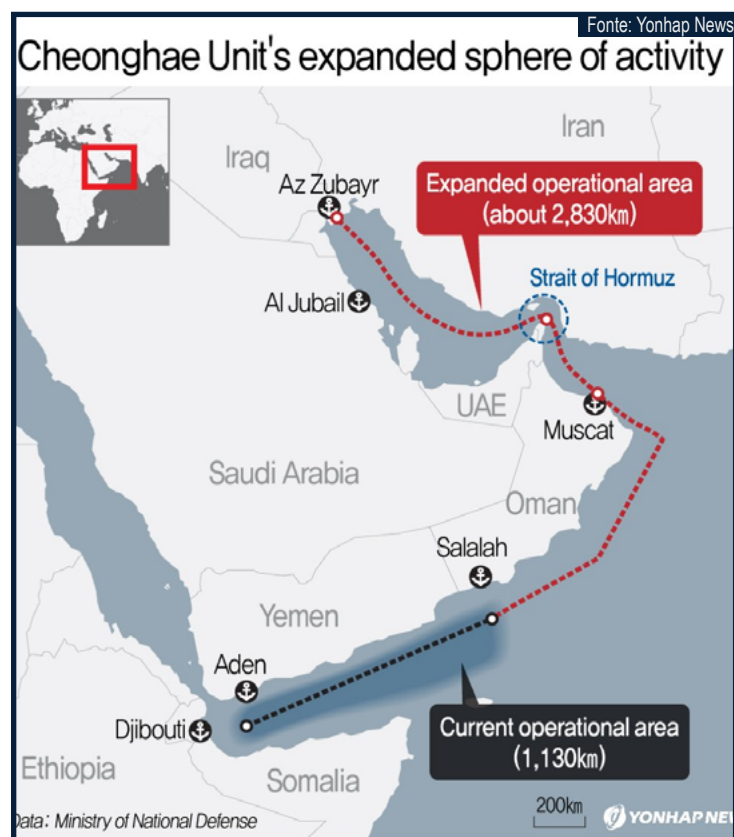
Recentemente, os EUA aumentaram a pressão sobre a Coreia do Sul para enviar uma força naval ao Oriente Médio, de modo a fazer parte da missão de segurança naval no Estreito de Ormuz. Tal pedido se revela como mais um teste à aliança militar entre Washington e Seul, com ambos ainda em negociações sobre o compartilhamento dos custos de defesa na Península Coreana. Em resposta, a Coreia do Sul decidiu ampliar as áreas operacionais da unidade naval *Cheonghae* para o Estreito de Ormuz, todavia de maneira independente, sem fazer parte diretamente da coalizão dos EUA ou sem afetar as relações com o Irã.

Desde 2009, a unidade *Cheonghae* conduz operações antipirataria no Golfo de Áden, na Somália, o qual responde por 29% do volume marítimo total da Coreia do Sul, e já realizou resgates e evacuações durante as crises na Líbia e no Iêmen. Criada para proteger navios civis próximos à costa da Somália e cooperar com as Forças Marítimas Combinadas em operações de segurança marítima, a unidade *Cheonghae* será composta pelo contratorpedeiro *Wang Geon*, de 4.500 toneladas, equipado com recursos antiaéreos, anti-superfície, anti-submarino e um contingente de 300 militares, tendo Mascate, em Omã, como base operacional avançada.

Cerca de 70% das importações de petróleo bruto da Coreia do Sul são provenientes do Oriente Médio, com 170 navios sul-coreanos navegando pelo Estreito de Ormuz, aproximadamente 900 vezes por ano. “Considerando uma análise política e os laços bilaterais com os países do Oriente Médio, acredito que nossa posição sobre o assunto não pode ser exatamente a mesma que a dos EUA”, destacou Kang Kyung-wha, ministra das Relações Exteriores da República da Coreia. Em dezembro de

2019, Tóquio também expressou o caráter independente de seu apoio à solicitação de Washington. Para o Japão, a importação chega a 90%.

Além da importância da região no suprimento de petróleo à Coreia do Sul, há cerca de 25 mil sul-coreanos no Oriente Médio, com mais de 1.500 no Iraque. Manter-se independente e ponderar o papel dos militares na região é a melhor opção imediata. A segunda, é repensar a segurança energética do país e torná-la também uma prioridade nacional.



## SUL DA ÁSIA

### Marinha indiana testa com êxito versão naval de avião de combate

João Miguel Villas-Bôas

A Marinha Indiana celebrou o exitoso teste de decolagem e aterrissagem da versão naval do caça nacional *Tejas* no porta-avião *Vikramaditya*. O avião é produzido pela empresa estatal *Hindustal Aeronautics Limited* (HAL), em parceria com a *Defense Research Development Organization* (DRDO) e realizou o teste no dia 11 de janeiro deste ano.

Este feito reforça o avanço da capacidade tecnológica indiana e confere ao país *status* especial em termos de poder naval, pois apenas Estados Unidos, Rússia, França, Reino Unido e China possuem tecnologia de lançamento de aviões em porta-aviões. No caso indiano, o país adotou o sistema STOBAR: *Short Take-Off But Arrested*

*Recovery* (Decolagem Curta com Pouso Enganchado) para os porta-aviões *Vikramaditya* (classe *Kiev*) e o nacionalmente produzido, em fase final de testes, *Vikrant*.

Atualmente, a Marinha indiana opera os caças russos *Mig-29K*, porém, devido a uma série de problemas com o avião, o governo indiano vem buscando soluções alternativas. O projeto do caça nacional *Tejas*, na versão naval, apresenta-se como possível solução. Todavia, a despeito do êxito no recente teste, o modelo procurado pela Marinha do país envolve a concepção de um caça com duas turbinas, exigência ainda não atendida pelo *Tejas* versão naval. Com efeito, as empresas HAL e DRDO afirmam que são capazes de adaptar o modelo atual (uma >>>

turbina) à demanda da Força Naval (duas turbinas). No entanto, especialistas afirmam que o prazo para a entrega da nova versão não atende à urgência geopolítica do projeto de equipar os porta-aviões indianos com vigoroso poder dissuasório, pois as empresas conseguiriam entregar as primeiras aeronaves apenas em 2030.

O caso do “êxito incompleto” do caça *Tejas*, na versão naval, ilustra bem problemas estruturais da Marinha, do complexo industrial-militar indiano e demais Forças, qual sejam: planejamento, incapacidade de cumprir prazos

e eficácia duvidosa. A Índia é uma potência regional com ambições globais importantes para o sistema internacional e suas ameaças geopolíticas imediatas têm como preocupação central o Índico. Embora tenha avançado enormemente na capacidade tecnológica e de produção de equipamento militar naval, o país ainda hesita nos prazos e operacionalidade de uma série de projetos estratégicos, comprometendo assim seus planos de potência global.

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

### Austrália na liderança da produção energética mundial

Thayná Fernandes

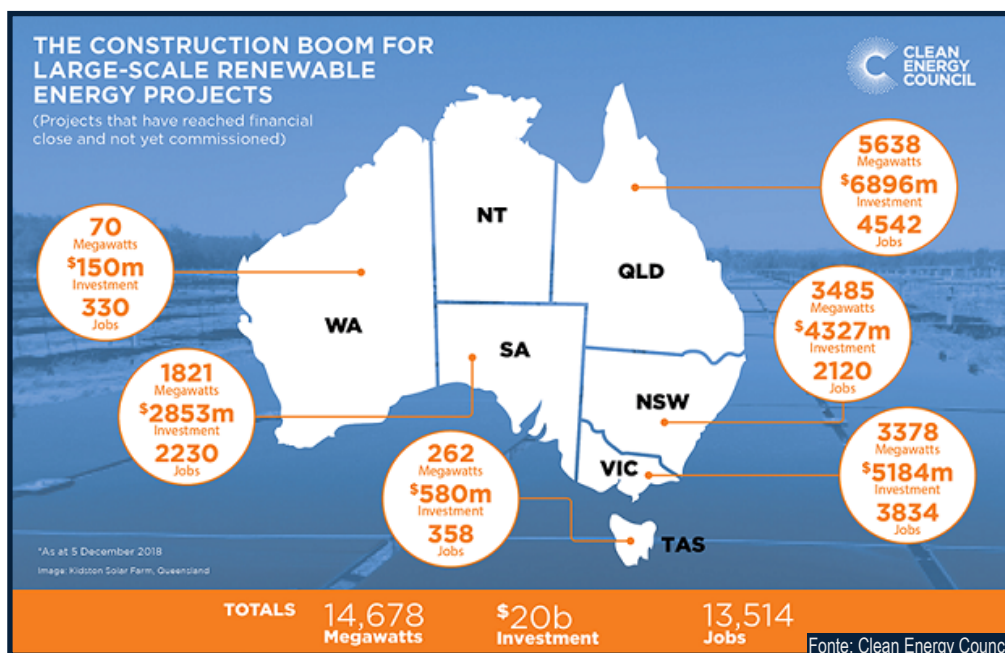
Em 2019, a Austrália conseguiu ultrapassar o Catar no mercado energético, tornando-se o maior exportador mundial de Gás Natural Liquefeito (LNG, em inglês). Essa notícia é resultado de investimentos e esforços do governo para tornar-se um importante *hub* no mercado energético. Entretanto, em tempos de crescente demanda por energias renováveis, seria este passo um avanço ou uma mostra de que para alguns países o “futuro sustentável” ainda não chegou?

Em 2014, um dos desafios australianos era a exportação de carvão, cujo maior comprador era a China. Em 2015, com a Conferência do Clima de Paris, a Austrália se comprometeu a reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Apesar disso, em 2016, houve disputas com o Timor Leste pela porção marítima conhecida como *Timor Gap*, espaço contendo cerca de 5,1 trilhões de pés cúbicos de LNG, cujos limites não estavam estabelecidos. Após a solução da questão, em 2018, ampliaram-se as possibilidades de exploração dos hidrocarbonetos da região. Através dessa trajetória, segundo Cullinane (2019), a produção de gás australiano

aumentou 16% em relação a 2018. A receita de LNG cresceu 25% quadrimestralmente, e a receita das exportações de 2018-2019 aumentou cerca de 60%, gerando um lucro de US\$50 bilhões.

Ainda que a energia convencional esteja em alta, a Austrália lidera a construção e produção de energias renováveis. Esse aspecto faz parte dos objetivos de 2020 a 2030 lançados em 2001: a meta estabelecida para 2020 era gerar 33 mil Gw/h de fontes renováveis. O Estado atualmente produz 260 mil. Para 2030, o objetivo é que 50% da matriz energética do país sejam de energias renováveis. Em 2018, esse número chegou a 21% do abastecimento energético nacional.

É comum que o gás natural seja entendido como uma fonte energética de transição para energias mais sustentáveis e limpas. O caso australiano é relevante, porque considera a diminuição da poluição e caminha também para a autonomia e a independência energética, fatores cruciais em termos geopolíticos. Depender de poucos países para o abastecimento energético pode causar grandes transtornos aos Estados.



## Territorialismo chileno na Antártica e o relacionamento com o Brasil

Gabriele Hernandez

Chile, um dos 7 países que reivindicaram territórios na Antártica, antes do Tratado de 1959, aprovou neste mês de janeiro o projeto do Estatuto Antártico Chileno, que visa proteger e fortalecer sua soberania no continente. O Estatuto busca reforçar e proteger os direitos do país sobre a região, reivindicada como parte de seu território no sexto continente, ainda que pautado no Tratado da Antártica. Pretende, também, servir como fonte para a regulamentação de atividades como a pesca e o desenvolvimento econômico das regiões de Magalhães e Antártica Chilena, uma vez que o território serve como porto e aeroporto em direção à Antártica para o Chile e outros países que fazem uso de suas instalações, incluindo o Brasil.

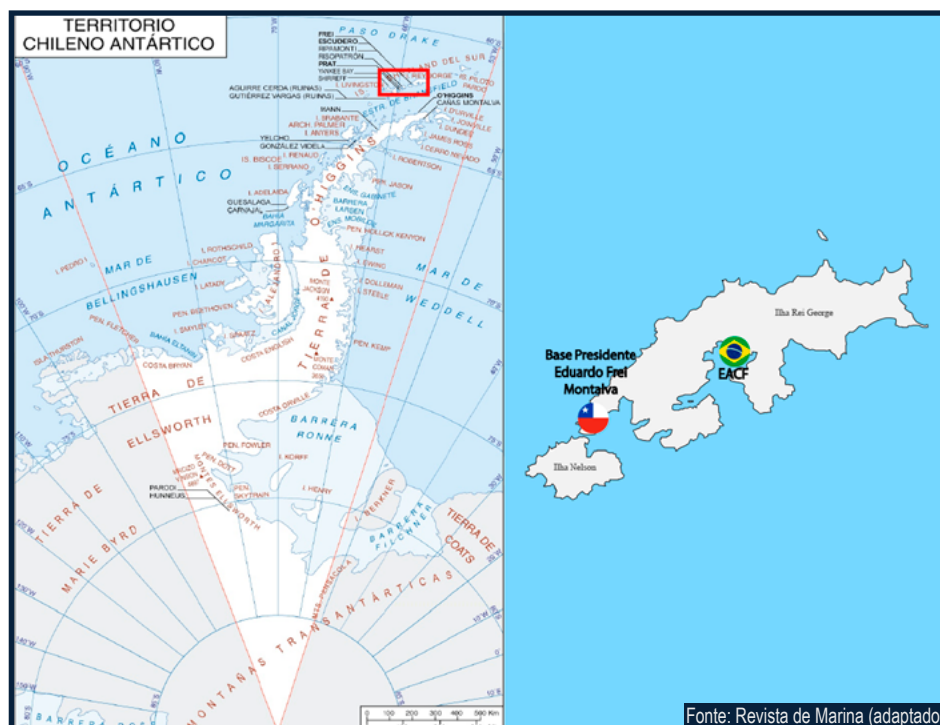
Ao vincular suas atividades nas regiões Magalhães e Antártica Chilena a um Estatuto, há a possibilidade de dar a proteção da lei às atividades, garantir que o projeto antártico chileno seja mais independente de diferentes projetos de governos e se consolide como projeto de Estado. Também traz mais autonomia à região sul do país, que depende fortemente das atividades antárticas.

O Chile é um dos maiores parceiros quando se trata de cooperação antártica com o Brasil. Nos anos 1960, três oficiais da Marinha do Brasil participaram de três

diferentes expedições antárticas chilenas, tendo sido os primeiros militares brasileiros a estar naquele continente. A nova Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), inaugurada no dia 15 de janeiro, depende da pista de pouso da estação chilena Presidente Eduardo Frei Montalva, localizada na mesma ilha, e da cidade chilena de Punta Arenas, principal *hub* logístico dos navios polares brasileiros.

Outro evento mais recente que reitera o grau de cooperação entre os dois países naquela região foi o acidente na madrugada de 10 de dezembro de 2019, quando uma aeronave Hercules (C-130), da Força Aérea Chilena, caiu enquanto sobrevoava a região do Estreito de Drake, indo em direção à Antártica. O NPo Almirante Maximiano, que se encontrava próximo da estação brasileira, prontamente foi acionado para apoiar as buscas e foi responsável por encontrar parte dos destroços da aeronave.

Embora a relação entre os países antárticos seja centrada na cooperação científica e logística, o novo Estatuto chileno reforça o caráter territorialista da presença do país na Antártica, e deve ser visto como mais uma prova da importância geopolítica do continente gelado.



- ▶ [Top Risks 2020](#)  
EURASIA GROUP, Ian Bremmer e Cliff Kupchanr
- ▶ [The Global Risks Report 2020](#)  
WORLD ECONOMIC FORUM
- ▶ [Putin You've Got A Problem: The Russian Navy](#)  
NATIONAL INTEREST, David Axe
- ▶ [2020 Annual Forecast: A Global Overview](#)  
STRATFOR
- ▶ [IMB: Unprecedented Number of Kidnappings in Gulf of Guinea](#)  
THE MARITIME EXECUTIVE
- ▶ [In a quest for 355 ships, US Navy leaders are unwilling to accept a hollow force](#)  
DEFENSE NEWS, David Larter
- ▶ [Report to Congress on Chinese Naval Modernization](#)  
USNI NEWS
- ▶ [The Royal Navy's New Aircraft Carriers Are Eating the Fleet](#)  
NATIONAL INTEREST, David Axe

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### FEVEREIRO

**05-06** Conferência Humanitária de Varsóvia

**14-16** Conferência de Segurança de Munique

**21** Eleições parlamentares no Irã

### MARÇO

**02** Eleições gerais na Guiana

**05** 178ª Reunião da OPEP

**18-19** Cúpula do Belt and Road, em Dubai

**22** 85 anos da Liga Árabe

**26** Referendo de reforma de sistema eleitoral nas Malvinas

**26-27** Reunião do Conselho Europeu

**30-31** Cúpula Global de Inteligência Artificial, na Arábia Saudita

- **O início da extração de petróleo na Guiana e a importante descoberta no Suriname**

BADDOUR, Dylan. [Exxon Ships First Oil From New Mega – Discoveries in Guyana](#). Forbes, 23 jan. 2020. Acesso em: 25 nov. 2020.

BANDOW, Doug. [Suriname: The Next Big Oil Player](#). The National Interest, 22 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020.

- **Marco na construção dos navios de apoio canadenses**

PUGLIESE, David. [Ceremonial keel laying event for Canadian Navy's first Joint Support Ship held at Seaspan](#). Ottawa Citizen, 16 jan. 2020. Acesso em 23 Jan 2020.

WILSON, Carla. [Ceremonial keel-laying held for new HMCS Protecteur](#). Times Colonist, 16 jan. 2019. Acesso em: 23 jan. 2020.

- **Capturando o Nilo: Etiópia e Estados à jusante mais próximos de um acordo?**

ABDALLATIF, M.. [Ethiopia, Riparian States inch closer to deal over Nile water use](#). The East African, 24 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020.

SCHWARZTEIN, P. [Battered by Climate Change, Nile farmers forge new course](#). National Geographic, 20 dez. 2016. Acesso em: 25 jan. 2020.

- **Relação Reino Unido-África após o Brexit**

DUDLEY, Dominic. [The UK's Africa Summit offered lofty promises of commitment but not enough substance](#). Quartz Africa, 21 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020.

[UK-Africa summit: Wooing Africa after Brexit](#). BBC, 20 jan. 2020. Acesso em: 22 jan. 2020.

- **Em Davos, Europa é o novo alvo econômico de Donald Trump**

[Taxe GAFA: Macron et Trump trouvent un accord pour prolonger les négociations et suspendre les sanctions](#). LA DEPECHE FRANCE, 21 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

FIDLER, Steve; IP, Greg. [Europe Girds for Trade Battle With U.S.](#) The Wall Street Journal, 22 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

- **Acordo marítimo entre Líbia e Turquia eleva tensões no Mediterrâneo**

JOHNSON, Keith. [Newly Aggressive Turkey Forges Alliance with Libya](#). Foreign Policy, 23 dez. 2019. Acesso em: 15 jan. 2020.

[Greece expects to be included in next stages of Berlim process, FM says](#). Ekathimerini, 20 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

- **A escalada de tensões entre EUA e Irã**

[Iran fires missiles at US targets in Iraq — as it happened](#). DW, 08 jan. 2020. Acesso em: 24 jan. 2020.

HARB, Ali; HILTON, Daniel. [Iran's Qassem Soleimani killed in US strike on Baghdad airport](#). Middle East Eye, 03 jan. 2020. Acesso em: 24 jan. 2020.

- **Modernização militar e força naval impulsionam presença regional do Egito**

[Egypt's naval forces go on amphibious exercises in the Mediterranean](#). Egypt Today, 4 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

[Egypt seeks to bolster Red Sea influence with massive new base](#). Middle East Eye, 15 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020

- **As reformas constitucionais da Federação Russa**

[What Changes Is Putin Planning for Russia's Constitution?](#) Moscow Times, Moscow, v. 3, n. 1, p.1-3, 16 jan. 2020. Acesso em: 16 jan. 2020.

[Amendments to Constitution aimed at reinforcing 'rule of law & welfare state' in Russia – Putin](#). Russia Today, 16 jan. 2020. Acesso em: 16 jan. 2020.

- **Um início de 2020 conturbado para a China**

POMFRET, John. [Despite election result, China won't give up on Taiwan](#). The Washington Post, 13 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

HUANG, Cary. [Taiwan election: Hong Kong won it, Beijing lost it](#). This Week In Asia, 19 jan, 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

- **Marinha da Coreia do Sul ampliará operações no Estreito de Ormuz**

SEUNG-WOO, Kang. ['Korea's stance on Hormuz may not be same as US'](#). The Korea Times, 28 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020.

HAYEH-AH, Lee. [U.S. welcomes S. Korea's troop dispatch to Strait of Hormuz](#). Yonhap News Agency, 22 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020.

- **Marinha indiana testa com êxito versão naval de avião de combate**

ROBLIN, Sebastian. [India's Tejas Fighter Just Performed Its First Carrier Landing – Does a Twin Engine Model Have a Future in the Indian Navy?](#) The National Interest, 18 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

SHUKLA, Asai. [In naval landmark, Tejas lands on aircraft carrier INS Vikramatitya](#). Business Standard, 11 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

- **Austrália na liderança da produção energética mundial**

CULLINANE, Danica. [Australia hits oil and gas production record, over a billion barrels](#). Small. Caps, set. 2019. Acesso em: 25 dez. 2019

TOSCANO, Nick. [Australia tops Qatar as world's biggest LNG exporter](#). The Sydney Morning Herald, 06 jan. 2020. Acesso em: 20 jan. 2020.

- **Territorialismo chileno na Antártica e o relacionamento com o Brasil**

[Aprobado Proyecto Estatuto Antartico Chileno](#). Defensa, 14 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020.

[Estatuto Chileno Antártico: proyecto busca proteger y fortalecer los derechos soberanos de Chile en el continente blanco](#). Senado de Chile, 08 jun. 2019. Acesso em: 25 jan. 2020.